

## ARISTÓTELES

## ARISTOTLE

BRENTANO, Franz. *Aristóteles*. Barcelona, ed. Labor, 1983. 195p (Col.Temas Clásicos)

Uma ordem, por muitos havida como natural para o desenrolar dos estudos em filosofia, é a cronológica. Nada mais óbvio que começar pelo começo! Prescindindo-se da possibilidade de que a História da Filosofia possa não ser ela mesma filosófica, perguntar pelo começo da filosofia é perguntar pelo começo da reflexão, da tomada de consciência de si mesmo, dos outros e do mundo. Não pretendemos discutir, aqui, essa difícil questão, mas apenas apontar alguns problemas da História da Filosofia, que aparecem nessa obra clássica de Franz Brentano sobre Aristóteles. Especifiquemos mais o tema: para compreendermos Aristóteles é preciso um conhecimento prévio de, por exemplo, Locke e Leibniz? Parece que o contrário é válido, mas segundo o ponto de vista de uma hermenêutica autoconsciente, não é o movimento inverso tão necessário quanto? Isso tudo serve apenas para levantar o problema.

Brentano tem por meta, ao escrever esse pequeno livro sobre Aristóteles, introduzir o leitor ao universo desse difícil filósofo. Não o faz, porém, considerando a doutrina aristotélica como ruína filológica de um passado que nos desperta apenas a curiosidade. Decerto que um dos traços mais marcantes do livro é a capacidade de o autor trazer à luz, de maneira

viva, os aparentemente abstratos problemas metafísicos para o contexto de discussões filosóficas do início do século XX. O século XIX trouxe uma grande renovação dos estudos aristotélicos. Aristóteles passou a ser visto como um filósofo que procedia de maneira verdadeiramente científica, em contraposição tanto ao ponto de vista especulativo do idealismo alemão, como ao do positivismo radical de tendências materialistas.

Façamos um breve percorrido pelo texto de Brentano. O tema inicial é o da sabedoria: “... El conocimiento que tenemos de una cosa es, a veces, un mero conocimiento de hecho, como cuando la percibo. En otros casos, empero, no sé ya solo que una cosa existe, sino que puedo dar la razón de por qué existe. (...). Solo el que reduce un hecho a su último fundamento, da una explicación concluyente del mismo. (...) La sabiduría consiste en el conocimiento de lo inmediatamente necesario y en la explicación, por el, de lo mediatamente necesario”.

Brentano mostra que, para Aristóteles, a sabedoria é uma, porque aquilo em que se busca a última razão é o entendimento divino. Quem conhecesse todo o entendimento divino conheceria aprioristicamente todas as coisas, isto é, seria onisciente. Mas, se Deus é onisciente, os homens não

o são. Na sabedoria humana, o imediatamente necessário não se dá imediatamente como objeto e, para nós, o primeiro na ordem do conhecimento é o que é posterior na ordem da natureza. Contudo, é dado ao homem buscar a sabedoria e ser sábio assemelhadamente à divindade. Segue Brentano dizendo que essa afinidade do homem a Deus torna possível uma sabedoria humana, uma filosofia.

Depois de afirmada a possibilidade da sabedoria humana, Brentano pergunta-se pelo objeto dessa sabedoria, patentemente diferente daquele da sabedoria divina. Se fôssemos como Deus, nosso objeto seria o princípio de todas as coisas, porém, como não é assim, os homens têm como objeto o conceito geral de ser, afirma ele.

O próximo problema enfrentado por Brentano nessa obra é o que poderíamos chamar do núcleo da doutrina aristotélica: a equívocidade do ser. “Ser” pode ser dito em sentido próprio como ser real, substância real: um homem “é”, uma planta “é”, etc. Mas também em sentido impróprio: um bípede “é”, um não-homem “é”, a impossibilidade de um quadrado redondo “é”, a potencialidade de um corpo de figura cúbica tornar-se redondo “é”, um par de homens “é”, o tempo “é”, o espaço “é”, etc. A sabedoria humana engloba, pois, tanto o ser dito em sentido próprio, como o dito em sentido impróprio.

Não podemos, aqui, entrar nos meandros do texto, mas ressalte-se que a consciência da equívocidade do ser inaugurou com Aristóteles uma nova fase muito frutuosa na História da Metafísica; a sua “re-descoberta” no século XIX, após a mo-

dernidade cartesiano-lockeana, provocou uma virada na filosofia que, até hoje, parece não ter sido determinada em todo seu alcance. A questão nada pequena do que queira dizer “ser” veio novamente à luz.

O livro prossegue atacando os temas fundamentais da teoria aristotélica da ciência: conhecimentos evidentes imediatos de fato, axiomas e conhecimentos mediatos. Ademais, o corpo do livro trata da divindade. Primeiramente, da existência de um ser absolutamente necessário e, depois, da constituição da divindade que é causa primeira de toda ordem e também de todo ser; e, enquanto primeiro princípio, é infinita bondade. Brentano confronta a noção aristotélica da divindade com a tradição grega anterior dos números pitagóricos, da inteligência de Anaxágoras e da idéia platônica do Bem.

Por fim, nosso autor mostra como a atividade essencialmente teleológica do entendimento divino rege o mundo celeste e o mundo terreno. No contexto da determinação da estrutura do universo, localiza o gênero humano mostrando que sua aparição consiste na plenitude dos tempos. O homem ocupa o lugar de “rei do mundo terreno” por sua parte espiritual. Essa transcendência humana remete a problemas de destinação escatológica que Brentano aproxima, não sem grande esforço, da tradição judaico-cristã. Sem dúvida, é um clássico que se deve ler.

Pedro Monticelli  
pós-graduando em Filosofia pela PUC-SP  
(ninacelli@uol.com.br)